

PATRIMÔNIO CULTURAL, MUSEUS E TURISMO: UM ESTUDO DO PÚBLICO DO MUSEU DO DOCE (PELOTAS-RS) A PARTIR DE VIVÊNCIAS COM VISITAS MEDIADAS

ISABELLA CARDOSO BARCELLOS¹; ROBERTO HEIDEN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – isabellabarcellos08@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - heidenroberto@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Museu do Doce, criado em dezembro de 2011, constitui-se como Órgão Suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A instituição tem como missão salvaguardar a memória das tradições doceiras de Pelotas e região, atuando na produção de conhecimento sobre o tema para a comunidade, por meio de ações de extensão, ensino e pesquisa. Esse trabalho integra-se a essas iniciativas, pois tem origem no projeto de extensão “Multiações Patrimoniais no Museu do Doce – edição 2023” cuja autora é bolsista de extensão e cultura pela PREC-UFPel.

Como atividade prevista no projeto, foram proporcionadas ao público do museu visitas mediadas entre abril e junho de 2023, com destaque para os dias concomitantes à duração da 29º FENADOCE, entre 02 e 18 de junho. Para além de recepcionar os visitantes no casarão nº 8 da Praça Coronel Pedro Osório - sede do Museu do Doce - e apresentá-los ao patrimônio imaterial das tradições doceiras, as práticas extensionistas também permitiram uma intensa troca entre a comunidade e acadêmicos envolvidos. O museu conta com seis coleções que abordam a história da tradição doceira pelotense e a história do Casarão nº 8, ambos reconhecidos como patrimônio cultural brasileiro. É fundamental que a população local e a comunidade universitária encarem espaços como este enquanto um lugar de encontro com a cultura e a história. A partir disso, então, percebe-se a importância de se conduzir processos de mediação entre esse público e os objetos do acervo (HENZE, 2021).

O turismo se beneficia das ações e intervenções museológicas para contar a história de um lugar e de uma população. Agregar valor ao patrimônio cultural local pode ser um fator transformador em ações educativas, eventos e parcerias com capacidade de suprir as necessidades de públicos específicos. Assim, todos estes fatores se unem para que o museu seja um local com cada vez mais relevância e aceitação social (MOTTA, 2019). Nesse sentido, o presente texto dialoga com temas tais como patrimônio cultural, memória, turismo e mediação, de modo a colaborar com a compreensão sobre como tais temas são percebidos no Museu do Doce. São também apresentadas as percepções da autora sobre o público visitante do Museu do Doce ao longo do período em que foram realizadas as visitas mediadas, além de uma análise do número de visitantes do museu.

2. METODOLOGIA

A formação para a realização das mediações junto ao Museu do Doce, mediações essas que serviram como base empírica para esse texto, se deram a partir do estudo sobre publicações de referência que abordassem o Casarão nº 8

e o tema das tradições doceiras locais, com destaque para o “Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas”, e o documentário “O Sal e o Açúcar: as tradições doceiras em Pelotas e na antiga Pelotas”.

Esse texto se desenvolveu a partir de duas abordagens principais: o registro dos dados numéricos de visitação no caderno de assinaturas do museu e por meio de observação e apontamentos de aspectos qualitativos sobre o movimento do público. Quanto aos dados referentes ao número de visitantes e suas respectivas cidades de origem, estes foram catalogados a partir da consulta ao livro que é assinado por todo o visitante como registro de entrada. A partir desses dados foram apontadas as 10 cidades que mais visitaram o museu. Para efeito de comparação, registraram-se os períodos de março a maio de 2023 e de 02/06 a 18/06 de 2023 (duração da 29º FENADOCE). A partir desses levantamentos, foram relatadas tendências verificadas com base em uma abordagem qualitativa e revisão bibliográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente destacamos que de março a maio de 2023 (92 dias) o Museu do Doce recebeu um total de 2117 visitantes, ao passo que entre 02/06 a 18/06 (17 dias) 3134 visitantes passaram pelo museu. A tabela abaixo expõe os dados numéricos de visitação coletados pela autora. Destacamos as dez cidades com mais visitantes para cada um dos períodos analisados. À esquerda pode-se observar a concentração numérica de visitantes durante o período da 29º Fenadoce e ao lado as cidades de onde estes visitantes vieram. À direita, pode-se observar a concentração numérica de visitantes entre os meses de março a maio de 2023 e igualmente suas cidades de origem.

Cidades (02/06 a 18/06) 29º FENADOCE	Nº de Visitantes (02/06 a 18/06)	Cidades (01/03 a 31/05) 3 meses anteriores	Nº de Visitantes (01/03 a 31/05)
1º - Pelotas	700	1º - Pelotas	1125
2º - Porto Alegre	288	2º - Porto Alegre	166
3º - Caxias Do Sul	115	3º - Rio Grande	86
4º - Santa Maria	72	4º - Pinhal	41
5º - Pinhal	58	5º - São Paulo	40
6º - Rio Pardo	49	6º - Caxias Do Sul	37
7º - Campo Bom	45	7º - Jaguarão	34
8º - Río Branco (UY)	44	8º - Montevideu (UY)	33
9º - Maratá	41	9º - Santa Maria	14
10º - Paraí	40	10º - Capão do Leão	12

A primeira informação relevante a ser constatada como tendência nos números compilados é que a Fenadoce colaborou para um aumento de público do Museu do Doce no período de 17 dias em comparação ao período anterior, e que há uma mudança importante nesse ranking com uma maior chegada de visitantes de cidades que normalmente não vêm tanto ao museu. Com base nesses números podemos destacar que em um período de tempo 5,4 vezes menor, o museu recebeu 48% mais visitantes. A média de visitantes diários entre março a maio de 2023 foi de 23 pessoas, ao passo que essa média entre 02/06 e 18/06 foi de 184 pessoas, ou seja, durante o período da Fenadoce, o público visitante foi oito vezes maior que a média. Outrora, o ranking das dez cidades com mais visitantes é ocupado majoritariamente por visitantes do estado do Rio Grande do Sul. Uma peculiaridade é o fato de São Paulo ocupar o quinto lugar como cidade que mais visita o museu fora do período da Fenadoce. Durante a prática das mediações foi notável a presença de visitantes tanto da capital do estado de São Paulo, quanto de cidades do interior, tais como Pindamonhangaba e Sorocaba. Outro estado com situação semelhante é Santa Catarina, que não aparece no ranking, mas contou com diversos visitantes de cidades como Joinville, Florianópolis e Campo Alegre.

Quanto a experiência de visitação do público, alguns aspectos merecem destaque. É importante evidenciar que uma das atrações que mais despertam a atenção dos visitantes do Museu do Doce é o próprio casarão número 8, sede do museu. Os detalhes em estuque, as escaiolas, a decoração eclética e outros detalhes do ambiente com suas qualidades artísticas tem enorme repercussão. É perceptível também que, independentemente do tipo de visitante, tal como apontou Plantz (2022), os questionamentos tendem a ser os mesmos, destacando-se o fato de que o patrimônio imaterial relacionado à cultura doceira ainda é desconhecido pelo público em geral, o que demonstra a importância da manutenção desse saber para a comunidade. A exposição dedicada aos doces coloniais, por exemplo, despertou a curiosidade de acadêmicos. Uma das visitantes relatou ter tido uma ideia de tema para a escrita de um artigo em sua graduação em Ciências Sociais a partir da visita à exposição. Além disso, diversas vezes percebeu-se que as exposições despertaram nos visitantes relatos sobre sua história familiar com o trabalho nas fábricas.

Outro aspecto notável foi perceber que as mulheres geralmente demonstravam mais interesse tanto no tema da tradição dos doces de mesa quanto no tema da tradição dos doces coloniais e suas respectivas histórias. Em paralelo, de acordo com o IPHAN (s/d), mencionamos que depois da era de ouro das charqueadas, os doces finos saíram dos casarões e ganharam o espaço público da cidade, tornando-se fonte de renda e inserindo as mulheres (que detinham o conhecimento de como preparar as receitas) no mercado de trabalho. Podemos inferir que a centralidade das mulheres na consolidação de uma tradição doceira gera, talvez por questões de gênero, esse tipo de interesse ampliado justamente nesse público feminino.

4. CONCLUSÕES

Segundo Motta (2020), ainda que o IPHAN tenha reconhecido o centro histórico pelotense e a tradição doceira como patrimônios culturais no ano de 2018, a precarização afeta a plena participação dos museus da cidade no setor de

turismo. Apesar disso, eventos como a Fenadoce mostram as potencialidades de instituições como o Museu do Doce para mobilizar turistas e visitantes locais e, por consequência, movimentar a economia local. Uma boa articulação entre os setores de turismo e cultura proporcionam resultados satisfatórios a todos, inclusive à comunidade universitária, na medida em que o patrimônio imaterial conta a história a partir de saberes, hábitos e práticas locais.

Nesse sentido, esse trabalho evidenciou os impactos de um grande evento turístico em um destacado equipamento cultural da cidade de Pelotas. O contato do público com a história local transforma a percepção construída tanto sobre a cidade de Pelotas quanto sobre seus moradores. Ser um mediador mobiliza habilidades múltiplas para realizar o trabalho de servir de ponte entre o público e a exposição (GOMES, 2013). É importante destacar que a extensão universitária, por meio de projetos de extensão como o “Multiações Patrimoniais no Museu do Doce – edição 2023” contribuem ativamente para o cultivo de boas práticas de turismo local, promovendo a valorização da memória e do patrimônio locais. Concomitantemente, essas práticas também se tornam úteis para o desenvolvimento pessoal e profissional de todos os envolvidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IPHAN. Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas. Online. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/dossie/>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MOTA, A.R.J. A relação entre museus e turismo a partir dos olhares de gestores e museólogos de museus pelotenses. 2020. Monografia. Graduação em Museologia - Instituto de Ciências Humanas, UFPel.

PLANTZ, M.; HEIDEN. R. Tradições doceiras, memória e patrimônio cultural a partir de visitas mediadas ao Museu do Doce. In: IX CEC - Congresso de Extensão e Cultura, volume 9, Pelotas, 2022. Anais do IX Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Ed da UFPel, 2022. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2021>

GOMES, I. L. Formação de mediadores em museu de ciência. 2013. Dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO.

HENZE, I.A.M. Setor educativo de museus de ciência da cidade do Rio de Janeiro: Desafios e Perspectivas. Tese de Doutorado em Educação - Programa de Pós-graduação Educação, PUC-Rio.

TEIMOSO FILMES E ARTES. O sal e o açúcar: as tradições doceiras em Pelotas e na antiga Pelotas. Pelotas, 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/257075389>. Acessado em 21 de julho de 2023